

Resenha do Livro: ALVES, Ana Elizabeth Santos; LIMA, Gilneide de Oliveira Padre; CALVANTI, Manoel Nunes Jr. (Orgs.). Interfaces entre história, trabalho e educação. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009

Resenhada por: Lucineide Santos Silva

Mestranda do Curso de Mestrado em Memória Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.

HISTÓRIA, TRABALHO E EDUCAÇÃO: UMA TRÍADE COMPLEXA NA ATUALIDADE.

A obra em questão, organizada por Ana Elizabeth Santos Alves, professora da UESB, Gilneide de Oliveira Padre Lima e Manoel Nunes Cavalcanti Jr., professores do IF-BA, contou com a colaboração de artigos de pesquisadores de diferentes instituições públicas: UNICAMP, USP, UFU e UFBA. O texto de apresentação é de autoria do historiador e advogado Prof. Ruy Medeiros.

A obra está organizada em cinco partes distribuídas em doze capítulos, cuja discussão central gira em torno da categoria trabalho, desenvolvendo cada tema a partir da simbiose entre história e educação. A primeira parte apresenta a temática: *Trabalho e Educação: do Brasil Colônia aos primórdios do Brasil republicano*, abarcando dois capítulos que tratam sobre a herança cultural do Brasil colônia à qual trouxe conseqüências desastrosas para as relações de trabalho e uma educação marcada pelo aprofundamento da divisão social do trabalho. No capítulo 1, com enfoque em: *Formação para o Trabalho em Quatro Séculos de Escravismo*, de Sergio Castanho, em que o autor aponta que as relações entre trabalho e Educação no Brasil não é um tema novo, pois se construiu historicamente ligado a um modo de produção em ascensão; especificamente, no caso do Brasil, remonta os primórdios da colonização. Nesse sentido, o autor faz um recorte desde o período Colonial ao Império para mostrar como se processou as relações entre Educação e Trabalho, enfocando o escravismo como principal força de trabalho no processo de acumulação da metrópole. A perspectiva de trabalho nesse período, segundo o autor, repercutia no âmbito da Educação em termos secundários, pois a atividade que ora se exigia, era uma atividade marcada pela força física e totalmente desprovida de consideração social.

O Capítulo 2, *Organização Social e Trabalho no Brasil Colonial: a presença igreja católica e a escravidão*, de Ana Palmira Bittencourt Santos Casimiro, reflete sobre o significado do trabalho e as relações de trabalho no Brasil Colônia. A autora inicia seu texto conceituando a categoria trabalho atribuindo-lhe um sentido ontológico e teleológico, no que se refere à sua essência e sua perspectiva em um movimento dialético que implica a relação dos homens com a natureza e, por conseguinte, está imbricada nas relações de produção à qual os homens estão submetidos. O conceito de trabalho, segundo a autora, consiste na relação do homem com a natureza, buscando transformá-la e simultaneamente organizando em sociedade sua vida material, ou seja, suas relações sociais concretas e abstratas para chegar ao estágio profundo do conhecimento. A ideologia cristã teve um papel fundamental para o entendimento da categoria trabalho na perspectiva dual, ou seja, trabalho manual e intelectual que completaria a vida humana e que mais tarde seria referendado para realidade do Brasil colônia formando bases para um trabalho compulsório.

A segunda parte, *Trabalho, Precarização e Formação Humana*, composta por dois capítulos, aborda questões ligadas à formação humana, buscando o entendimento a partir das relações historicamente estabelecidas entre os homens, e, o desnudamento das contradições do sistema capitalista, apontando tentativas e estratégias de saída da crise. O capítulo 3, *Trabalho e Formação Humana*, de Marcos Cassin, defende “que não existe uma formação humana universal na busca da essência humana, mas uma formação humana histórica determinada pelos diferentes períodos do desenvolvimento das sociedades”. O autor enfatiza o trabalho enquanto categoria central para apropriação dos estágios do conhecimento e para história do desenvolvimento humano e, aponta as relações de produção, como aspecto fundamental para detectar as condições materiais da vida humana. Nesse aspecto, aborda o modo de produção capitalista como único capaz de aprofundar as bases materiais da estratificação social a partir do desenvolvimento de suas forças produtivas.

Carlos Lucena, em *Trabalho, Precarização, Capitalismo Monopolista e seus impactos no Brasil*, no Capítulo 4, critica o sistema capitalista, demonstrando que em seu processo de crise procura expandir de forma acelerada sua nova fase imperialista, buscando novos territórios para ampliação de novos mercados e, conseqüentemente, acumulação de novas cifras de capital.

Na terceira parte, *Trabalho, Qualificação e Emprego*, apresenta-se a discussão sobre qualificação profissional com enfoque na precarização e nas políticas públicas para sanarem a questão do desemprego e os novos discursos sobre o trabalho no capitalismo atual, desmistificando a idéia que o desemprego é um problema social. O quinto capítulo com foco em: *Trabalho, Precarização e Qualificação Profissional*, de Ana Patrícia Dias, a autora faz uma abordagem sobre as transformações ocorridas nas economias capitalistas, na transição do século XX para XXI, no que se refere ao aspecto do trabalho, seus desdobramentos no emprego, suas condições e relações de trabalho e na qualificação do trabalhador. No Capítulo 6, de Maria Regina F. Antoniazzi: *Trabalho e Qualificação Profissional: avaliação de uma política pública focalizada*, apresenta resultados extraídos de sua tese de doutorado “*O Plano de Qualificação do Trabalhador: política pública de emprego?*”. A autora discute os pressupostos teóricos do PLANFOR, política pública focalizada do governo federal, implementada no período 1996/2002 na gestão de Fernando Henrique Cardoso, que apresentava como meta combater o desemprego com a qualificação profissional do trabalhador. A autora aponta esse período como forte em precarizar o trabalho e presente uma crescente onda de desemprego, o que levou FHC no seu segundo mandato, movido pelo argumento de que as causas do desemprego era um problema de falta de qualificação profissional, implementar políticas públicas sociais, focalizadas, atacando primordialmente a questão da qualificação da mão de obra.

No Capítulo 7, *Da Cultura do Emprego ao Empreendedorismo: os discursos sobre o trabalho*, de Marineide Maria Silva, resgata a categoria trabalho com o objetivo de mostrar que nos diferentes períodos históricos foram elaboradas novas conceituações sobre essa categoria, com o intuito de adequá-la às exigências institucionais até o seu aprofundamento no vigente modo de produção capitalista.

Abrindo a quarta parte, *Trabalho, Infância e Juventude*, somos agraciados com uma profunda discussão acerca da situação geracional em que a maioria dos jovens submetidos a uma herança do passado são assolados por uma realidade que dificilmente mudará, se não houver uma mudança de concepção no âmbito da educação e do trabalho, como também, uma discussão sobre a triste realidade enfrentada pela juventude vitimadas pelos efeitos da crise social e econômica.

No capítulo 8, de Lívia Diana Magalhães, *Jovens, Educação e Trabalho: uma relação conjuntural e social*, utilizando a categoria geracional se interessa em discutir o processo de organização do trabalho, juventude e educação com enfoque para o Brasil, especificando que alterações sociais e econômicas ocorreram ao longo do tempo histórico e possibilitaram mudar a realidade, sobretudo dos jovens e sua inserção no mundo do trabalho, levando em consideração os desníveis sociais alarmantes que afetaram várias gerações. Observa em sua análise que a tríade: idade, educação e trabalho é parte, entre outros fatores importantes, do aprofundamento das desigualdades sociais. A autora enfatiza que os critérios estabelecidos pelo sistema capitalista para inserção de jovens no mundo do trabalho, como idade e escolarização adequada, não garantem efetivamente a materialização desse processo.

No capítulo 9 o tema é: *Trabalho Infanto-juvenil no Narcotráfico*: a “vida mável” de crianças e adolescentes. João Diógenes Ferreira dos Santos aponta em seu artigo o agravamento da realidade vivida por uma significativa parcela da população infanto-juvenil, as crianças e os adolescentes em situação de risco pessoal e social.

Na última parte, a quinta, *Trabalho, Educação e Agroindústria*, apresenta três densos capítulos que tem como foco principal entender o processo de produção da agroindústria na produção canavieira e de Leite-Laticínio, buscando perceber a precariedade das relações de trabalho e o processo de qualificação profissional nesses setores. O capítulo 10, de Manoel Nelito M. Nascimento em: *História Trabalho e Educação na agroindústria canavieira*, analisa as relações de produção da agroindústria canavieira, e aponta o latifúndio e a monocultura como elementos que marcam a trajetória histórica e política da sociedade brasileira e que refletem, sobretudo nas relações de exploração da mão de obra dos trabalhadores que perpetuam ainda nos tempos atuais. No décimo primeiro capítulo Ana Elizabeth Alves, em: *Agroindústria Leite - laticínio, Trabalho e Qualificação: anotações introdutórias*, busca conhecer a organização do trabalho e o modo como os trabalhadores são qualificados em indústria de laticínios na Mesorregião Centro Sul da Bahia. A autora, inicialmente enfatiza a articulação e o jogo de interesses que estão vinculados a essa cadeia produtiva e logo após traça a trajetória do setor agroindustrial do leite no Brasil que vem sofrendo grandes mudanças a partir da década de 90 com as transformações econômicas ocorridas no Brasil e no mundo. Relata de forma sucinta a realidade que enfrenta esse setor no estado da Bahia, onde demonstra claramente seu crescimento, cujos incentivos estão mais voltado para região metropolitana de Salvador. Nessa perspectiva a autora busca em seguida, apresenta de modo sucinto como se organiza o trabalho nas fazendas leiteiras e na indústria, enfocando até que ponto a ênfase dada pela empresa na necessidade de alcançar uma melhor “qualidade dos produtos” impacta nas atividades laborais dos trabalhadores na área.

No Capítulo 12, de Ana Elizabeth Santos Alves, Gilneide Padre e Manoel Cavalcanti Junior, em: *Indústria e Ensino prático em Laticínios na Mesorregião Centro-Sul da Bahia na década de 30: considerações históricas*, em continuidade à pesquisa anterior, e partindo da análise de fontes documentais os autores descrevem a história da qualificação profissional dos produtores e trabalhadores do ramo de laticínios, oferecida pelo Posto Experimental de Laticínios, hoje extinto, bem como suas articulações e influências na transferência de conhecimentos técnicos para construção da indústria de laticínios local.

Segundo os organizadores da coletânea, os objetivos propostos da obra é de socializar estudos representativos de uma abordagem científica e crítica a respeito de problemas que afligem as relações entre a história, o trabalho e a educação, sob vários pontos de vistas, proporcionando um diálogo entre pesquisadores de diferentes instituições. Nesse sentido,

aprofundar o debate não apenas de caráter científico, mas trazê-lo para o campo político-ético que envolva os sujeitos que fazem a história. É uma coletânea necessária, pois trata de uma temática tão polêmica nos tempos atuais, sobretudo no momento em que se aprofunda o processo de crise econômica e que o trabalho, enquanto categoria, se tornou centro das atenções dos estudiosos pesquisadores na tentativa de tentarem compreender que lugar ocupa na sociedade, hoje.

O que se observa ao final dessas breves considerações sobre essa obra é o fato de perceber que os autores assumem o materialismo histórico dialético, como método propício para dar conta da análise de categorias que se entrelaçam numa simbiose de uma realidade material e envolvem os sujeitos históricos. Como bem citam os organizadores: “No momento em que estamos organizando este livro o alvo das discussões na mídia é a crise econômica mundial.” O que nos remete inferir que a produção científica deve emergir da realidade concreta e da forma como os homens constroem sua história, pois nas palavras de Franz Mering “As idéias não surgem do nada : são produto do processo social de produção- e quanto maior for o rigor com que uma ideia reflete esse processo, mais poderosa será. Assim, o que se percebe nessa coletânea é uma preocupação conjunta em enfrentar por meio dos estudos e pressupostos teóricos, o desafio de compreender e desvendar o enigma da história, procurando de forma sensível e realista intervir nessa realidade.

Por isso, colocamos esse livro no alto patamar de inúmeras possibilidades que de maneira efetiva venha contribuir nas rodas de debates do meio acadêmico e da sociedade como todo. Enfim, é uma obra que deve ser lida.